

O uso de histórias por Israel Kirzner para a criação de um diálogo econômico

Lucas Casonato¹

Resumo

Este artigo investiga como Kirzner, um economista associado à Escola Austríaca, chamou a atenção do *mainstream* da economia para o tema da atividade empresarial. Este trabalho analisa o papel dos elementos narrativos na teoria de Kirzner, como ele usou histórias para ilustrar ideias acerca da ação empresarial, teoria da firma e o problema do conhecimento. Essa iniciativa tornou a teoria de Kirzner mais aberta ao diálogo, além de permitir caracterizar o autor como um “contador de histórias”. Os elementos narrativos identificados na obra de Kirzner foram: (i) ilustração por casos fictícios, mas plausíveis; (ii) possibilidade de análise exploratória; (iii) ênfase na ordenação lógica; (iv) adoção de mecanismos causais; e (v) espaço para generalização, mas sem previsões pontuais. O trabalho conclui que esses aspectos narrativos estabeleceram um canal de diálogo para a economia de Kirzner, superando barreiras de comunicação decorrentes dos critérios de demarcação científica.

Palavras-chave: Israel Kirzner. Narrativas. Atividade empresarial.

Abstract

This article investigates how Kirzner drew the attention of mainstream economics to research in entrepreneurship, from the point of view of the Austrian School of economics. This work analyzes the role of narrative elements in Kirzner’s theory, how he used stories to illustrate ideas in entrepreneurship, theory of firm and the knowledge problem. This initiative made Kirzner’s theory more open to dialogue, as well as allowing us to characterize Kirzner as a “storyteller”. The narrative elements identified in the Kirzner’s work were: (i) illustration by fictional, but plausible cases; (ii) possibility of exploratory analysis; (iii) emphasis on logical ordering; (iv) adoption of causal mechanisms; and (v) space for generalization, but without perfect predictions. This work concludes that these narrative aspects established a dialogue channel for Kirzner’s economics, overcoming communication barriers arising from scientific demarcation criteria.

Keywords: Israel Kirzner. Narratives. Entrepreneurship.

JEL: B31. B53.

**Versão submetida ao XXIV Encontro de Economia da Região Sul
Área 1: Metodologia e História do Pensamento Econômico**

¹ Professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: casonato.economia@gmail.com

1. Introdução

As narrativas têm sido um tópico de pesquisa recente na literatura do pensamento econômico. Cada vez mais os pesquisadores têm tentado entender o papel das narrativas na comunicação de ideias entre os economistas. Se as narrativas são consideradas como histórias contadas para destacar conexões dentro de uma sequência estruturada de eventos (Morgan, 2017; Crasnow, 2017), então são usadas pelos economistas há séculos. Estes sempre evocaram histórias e metáforas para comunicar ideias econômicas, desde os tempos da economia política clássica, com a descrição de Adam Smith de uma fábrica de alfinetes, até a definição do mercado para “limões” – os abacaxis, carros usados de baixa qualidade – por George Akerlof (1970) para ilustrar a assimetria de informação.

Por sua capacidade de traduzir ideias abstratas em histórias consistentes, as narrativas têm sido usadas por economistas para comunicar propostas contraintuitivas e desafiadoras. Este artigo observa a obra do economista anglo-americano Israel Meir Kirzner (1930-) e como ele utilizou narrativas para abrir um diálogo nos campos da atividade empresarial, da teoria da firma e do problema do conhecimento. Kirzner é um dos acadêmicos mais reconhecidos da Escola Austríaca de Economia desde sua reorganização na década de 1970 (Rizzo, 2002, 2014).² Escola que gozou de grande prestígio até meados do século XX, quando perdeu relevância por ser considerada incapaz de contribuir com novos conhecimentos para o avanço da teoria econômica, e quase desapareceu (Boettke, 1995; Vaughn, 1994).³

A razão para a tal perda de prestígio, de acordo com Boettke (1995), foi que a maioria dos economistas considerou as ideias Austríacas fora do *mainstream*. A economia dominante se desenvolveu para se tornar cada vez mais formalizada em modelos matemáticos, incorporando ideias como equilíbrio geral, expectativas racionais e teoria da escolha racional. Esses conceitos entraram em conflito com as ideias da Escola Austríaca, criando uma barreira. Kirzner, no entanto, tentou superá-la, a fim de apresentar a teoria Austríaca de forma a abrir um diálogo com os outros economistas (Jakee e Spong, 2003; Douhan *et al.* 2007; Korsgaard *et al.*, 2016).

Comprometido em traduzir as ideias Austríacas para a corrente principal, Kirzner propôs uma teoria do processo de mercado para rivalizar com as teorias tradicionais de competição. Embora tenha fornecido explicações teóricas logicamente consistentes, ele não expressou sua teoria em um modelo formal.⁴ Kirzner seguiu a metodologia da Escola Austríaca, com sua ênfase no individualismo e subjetivismo que, nesta tradição, supera a dificuldade do método *mainstream* de ficar preso a relações mecânicas entre variáveis a

² Kirzner é Professor Emérito da *New York University* (NYU), posição que alcançou em 2000, após lecionar economia por quase 40 anos na instituição. Foi lá que ele completou seu doutorado em economia na década de 1950, orientado por Ludwig von Mises (Boettke e Sautet, 2009). A NYU é vista como um importante centro de pesquisa para a Escola Austríaca, posição que Kirzner ajudou a construir (Rizzo, 2002, 2014). Assim, Kirzner foi reconhecido como um dos líderes na recuperação da Escola Austríaca (Vaughn, 1994).

³ A Escola Austríaca, como tradição de pensamento econômico, passou por uma reorganização em meados da década de 1970, impulsionada por uma variedade de fatores: a morte de Mises em 1973, que gerou um novo interesse por suas ideias; a conferência *South Royalton* em 1974 para discutir a teoria Austríaca; e, no mesmo ano, o recebimento do Prêmio Nobel de Economia por Friedrich Hayek (Vaughn, 1994). Após esses eventos, a tradição passou a ser denominada por alguns de “Escola Austríaca Moderna” (Vaughn, 1994; Barbieri, 2008), o que remete ao ressurgimento da escola, mas, certamente, também ilustra o fato de o grupo ter se estabelecido institucionalmente nos Estados Unidos, migrando da Áustria.

⁴ Kirzner entendeu o lugar dos modelos formais na economia. Ele chegou a publicar um livro didático de microeconomia (Kirzner, 1963), mas evitou a linguagem matemática na grande maioria de seus trabalhos.

fim de realizar previsões pontuais na economia (Kirzner, 1967, 1976). Por isso, Kirzner enfatizou a realidade econômica como sujeita a uma série de contingências e para a qual não há informações completas sobre o presente e o futuro.

Não há dúvida de que Kirzner é um personagem central para a Escola Austríaca e um economista importante para a profissão.⁵ Assim, o presente artigo busca entender como Kirzner chamou a atenção da comunidade mais ampla de economistas, embora não aderisse às abordagens convencionais. O argumento oferecido é de que pelo menos parte da resposta repousa no fato de Kirzner ter utilizado elementos narrativos em sua obra para ilustrar sua teoria de maneira independente dos princípios metodológicos que a sustentam, especialmente em Kirzner (1973, 2005). Para tanto, Kirzner é caracterizado como um “contador de histórias” por ter oferecido exemplos narrativos para ilustrar sua proposição teórica no lugar de pautar-se em modelos formais nas teorias da atividade empresarial, da firma e do problema do conhecimento.

Além desta introdução, o restante do artigo está dividido em quatro seções. A segunda seção revisa as contribuições recentes sobre o uso de narrativas na ciência para identificar alguns de seus principais elementos. A terceira seção apresenta a obra de Kirzner sob o termo “economia de Kirzner”, para distinguir entre seu método e suas aplicações. A quarta seção analisa a presença de elementos narrativos em dois de seus escritos, nos quais se pretendia mostrar como sua teoria poderia ser ilustrada em exemplos práticos. Na quinta e última seção, o artigo conclui argumentando que o uso de elementos narrativos ajudou Kirzner a superar barreiras teóricas e metodológicas no diálogo com os economistas.

2. Narrativas nas ciências

Existem muitos modos diferentes de investigação nas ciências. As ciências não históricas, como a física, comumente dependem da explicação dos fenômenos por meio de leis e generalizações, enquanto as ciências históricas, como a biologia evolutiva, geralmente usam meios exploratórios, o que abre espaço para narrativas (Swaim, 2019). Se a ciência busca esclarecer as relações entre fenômenos e/ou coisas, as narrativas podem fornecer explicações para alguns problemas que os cientistas enfrentam (Morgan, 2017).

A narrativa é um formato de história em que o narrador cria um conjunto consistente de eventos, fictícios ou não, de uma nova forma ou revela algo novo (Morgan e Wise, 2017). Portanto, o método subjacente à construção narrativa é a ordenação particular dos eventos, ilustrando uma relação causal que é explicada pela própria forma narrativa (Morgan, 2017). O ordenamento tem finalidade didática, esclarece o conteúdo com base no dinamismo dado pela sequência lógica do fenômeno, mas não depende do tempo real (Morgan e Wise, 2017). Assim, as narrativas fazem mais do que organizar

⁵ No início dos anos 2000, Makowsky e Ostroy (2001) reformularam a teoria da concorrência perfeita para acomodar algumas propostas teóricas que consideravam críticas importantes a esse modelo, incluindo a da arbitragem de preços pelo empresário kirzneriano, aproximando Kirzner do *mainstream*. Em 2006, Kirzner e William Baumol receberam o “*Global Award for Entrepreneurship Research*” pelos avanços na teoria econômica do empreendedorismo (Global Award for Entrepreneurship Research, 2006). Em 2014, Kirzner foi eleito, também ao lado de Baumol, um dos favoritos para o Prêmio Nobel de Economia daquele ano por contribuições aos estudos do empreendedorismo (The Washington Post, 2014). Em 2018, Kirzner foi premiado com o “*Distinguished Fellow*” pela “*History of Economics Society*” por suas contribuições para a história do pensamento econômico (History of Economics Society, 2018).

eventos: elas constroem relações entre eles. Isso geralmente é feito estabelecendo relações causais entre eles (Currie e Sterelny, 2017).

Uma narrativa é composta por eventos selecionados e pela ordenação utilizada para apresentá-los, e disso emerge a explicação para a relação entre eles (Morgan, 2017). Como a narrativa é formada por eventos diferentes, cada um deles pode ser enfatizado pelo narrador para ilustrar uma situação particular e destacar alguns traços (Crasnow, 2017). Por reunir tanto os eventos narrados quanto as relações entre eles, uma narrativa também permite a identificação de componentes semelhantes em outras narrativas, permitindo a extrapolação de uma situação particular para um caso geral (Morgan e Wise, 2017).

Mas, de acordo com Morgan (2017), para que uma narrativa possa oferecer lições além de sua história, é necessário compreender componentes suficientemente genéricos, conceituais, históricos ou abstratos que possam ser aplicados a outros eventos. Embora as narrativas possam esclarecer relações causais com base na sequência lógica entre os componentes envolvidos, elas enfrentam limites na possibilidade de fazer previsões (Morgan e Wise, 2017). Isso pode ser aliviado pela adoção conjunta de um modelo, pois, como Currie e Sterelny (2017) argumentam, narrativas e modelos científicos podem se complementar para explicar fenômenos complexos.

A complementaridade entre narrativas e modelos é necessária porque existem duas estratégias de reconstrução de eventos históricos (eg Currie e Sterelny, 2017). A primeira é usar um modelo formal como referencial teórico para testar se os fatos analisados correspondem ao que foi previsto a partir do conjunto de hipóteses. Como esses modelos são simplificações, eles excluem o que não está diretamente relacionado aos vínculos de causa e efeito que se pretende abordar. A segunda estratégia é recuperar os componentes envolvidos na história em análise por meio de narrativas, para evidenciar o contexto em questão e suas transformações. À medida que essa iniciativa amplia o número de eventos e suas relações, acaba aumentando o grau de complexidade da investigação, eliminando a possibilidade de incluí-los todos em um modelo.

As narrativas são especialmente úteis para explicar fenômenos em sistemas complexos quando uma teoria é incapaz de descrever a totalidade dos relacionamentos existentes (Morgan e Wise, 2017). Os modelos formais são importantes porque destacam as relações relevantes entre os eventos analisados, mas negligenciam a complexidade dos fenômenos envolvidos. As narrativas podem incorporar mais detalhes, enriquecendo o objeto de estudo ao custo de menor precisão nas relações mais relevantes. Portanto, como modelos e narrativas enfatizam questões diferentes, eles podem se complementar (Currie e Sterelny, 2017).

As ciências históricas são complexas, em parte, porque lidam com resultados contingentes e dependentes de uma trajetória, porque várias histórias podem explicar o mesmo processo em análise, cada uma enfatizando diferentes evidências sobre ele. Isso torna os mecanismos causais determinantes para o sucesso de uma explicação narrativa, ou seja, a narrativa que estabelece relações mais relevantes entre causas e consequências é aquela que se torna bem-sucedida (Swaim, 2019).

Para Crasnow (2017), as narrativas ajudam a compreender as diferentes hipóteses que explicam um desfecho, pois retratam uma história menos abstrata, o que ajuda o público a entender o que o autor está tentando comunicar. O “contador de histórias” -

também chamado de narrador, aquele que concebe os componentes selecionados dentro de uma estrutura que conduz a sequência de eventos em uma direção específica à conclusão - emprega narrativas para trazer à tona os componentes que deseja destacar para tornar a história coerente. A sequência narrativa faz mais do que posicionar eventos dentro da história; implica relações causais entre eles. Portanto, uma narrativa depende do tempo lógico, independente do tempo histórico, pois os resultados discutidos dependem não apenas dos componentes da narrativa, mas principalmente de como eles se relacionam.

O contador de histórias impõe relações causais entre os elementos de uma narrativa. Portanto, a principal função do narrador é configurar sua narrativa, tarefa mais ampla do que apenas ordenar os componentes envolvidos, em um caso típico em que o todo é diferente da soma das partes, pois a história precisa de um significado (Morgan, 2017).⁶ Esse processo exige que a história atenda a critérios como consistência, coerência, credibilidade e resolução de problemas, mesmo que não precise abranger a todos simultaneamente.

Como a narrativa é o trabalho de um contador de histórias, selecionando o que deve ou não entrar em sua história, Currie e Sterelny (2017) discutem se existe uma rivalidade entre contar histórias e fazer uma ciência “real”, entre narrador e cientista. A narrativa é definida como a construção de conexões imaginárias entre eventos conhecidos, enquanto a ciência real é entendida como trabalhar com relações entre componentes observados e, geralmente, medidos do passado. Portanto, a complementaridade entre ambos seria não apenas possível, mas também desejável, pois as “[...] narrative explanations add something methodologically central to the historical sciences, specifically, they complement formal models and quantitative techniques.” (Currie e Sterelny, 2017, 6). Essa perspectiva está de acordo com Morgan (2017), para quem o processo de configuração narrativa precisa ser informado por pesquisas científicas para associar com sucesso as relações entre seus componentes.

A capacidade narrativa de destacar acontecimentos históricos à luz do contexto, condicionando seus resultados ao tempo e lugar em que ocorreram por meio da imaginação, é o que os torna tão especiais (Beatty, 2017). Isso permite que as narrativas criem cenários contrafactuais para ajudar a compreender casos alternativos. Da mesma forma, para Morgan (2017), o processo de configuração narrativa pode envolver casos factuais ou fictícios. Ou seja, a narrativa não tem apenas aplicações restritas a fenômenos históricos, mas também pode especular sobre o que teria acontecido se um conjunto diferente de eventos tivesse ocorrido.

A Tabela 1 mostra cinco maneiras de enquadrar as narrativas como uma forma de prática científica. Portanto, quando um texto possui esses elementos, é possível caracterizá-lo como uma “narrativa” e seu autor como um “contador de histórias”.

⁶ A configuração é um procedimento diferente de outras formas de explicação, como o modo teórico que envolve a descrição científica das relações, ou o modo categórico que divide os componentes analisados em classes de estruturas conceituais (Morgan, 2017).

Tabela 1. Uma narrativa é:

Ilustrada por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido - está no campo do viável, não do impossível	Morgan (2017); Beatty (2017)
Analisada de forma exploratória	Morgan (2017); Swaim (2019)
Colocada em ordenação lógica	Morgan (2017); Crasnow (2017); Morgan e Wise (2017)
Dotada de mecanismos causais	Morgan (2017); Swaim (2019); Currie e Sterelny (2017); Crasnow (2017)
Adequada para sistemas complexos, permitindo generalização, mas com limitado poder de previsão	Morgan (2017); Currie e Sterelny (2017); Morgan e Wise (2017)

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

3. Economia de Kirzner

Em sua introdução ao quinto volume de *The Collected Works of Israel M. Kirzner*, Boettke e Sautet (2015) argumentam que é preciso entender a metodologia de Kirzner antes de compreender o resto de sua obra. A teoria de Kirzner é um contraponto à economia dominante, aquela que aceita uma compreensão hidráulica de como a economia funciona. Essa visão mecanicista, que permite a ela um alto nível de formalização matemática e resultados precisos para orientar a pesquisa econômica, é justamente a que a faz perder, para Kirzner, o relevante.

A “Economia de Kirzner” é a síntese entre (i) os princípios metodológicos Austríacos refinados pelo próprio Kirzner; e (ii) sua tese de ação empresarial (Kirzner, 2013). Ambos os pontos são centrais para o pensamento econômico de Kirzner e refletem sua insatisfação com a crença ilimitada dos economistas na abordagem matemática.

3.1. Metodologia de Kirzner

A economia de Kirzner é baseada em dois princípios: individualismo e subjetivismo (Boettke e Sautet, 2015). O individualismo garante que o centro da análise econômica seja a tomada de decisões, de modo que todos os fenômenos econômicos possam ser rastreados até motivações individuais e intencionais. O subjetivismo garante que as decisões só podem ser tomadas por quem realiza a ação em questão, condicionado pelo conhecimento pessoal do agente. Para Boettke e Sautet (2015), a ênfase nesses aspectos metodológicos é importante porque mostra que os fenômenos econômicos só são inteligíveis a partir da ação humana propositada, e não a partir dos resultados quantitativos oferecidos pelos modelos de equilíbrio.

A crítica kirzneriana à modelagem matemática na economia é parte de sua crítica à visão Neoclássica da competição por sua ênfase no estado de equilíbrio. Segundo Kirzner (1967), a essa teoria parte de um conjunto de pressupostos sobre o comportamento dos indivíduos em um sistema econômico equilibrado. Além da hipótese

de equilíbrio, também assume que, após mudanças nas condições iniciais, o mercado retorna ao estado de equilíbrio muito rapidamente.

Kirzner, em vez disso, argumentou que o equilíbrio não é a condição inicial de nenhum mercado. Portanto, a análise econômica deveria iniciar considerando uma situação de desequilíbrio. A partir daí, o modelo deve explicar o padrão de ajustes que os agentes realizam para atender aos seus próprios interesses. Nessa leitura, o equilíbrio é uma ferramenta teórica que permite à análise econômica contrastar o que acontece na realidade, o desequilíbrio, com a situação imaginada a partir das tendências econômicas, o equilíbrio (Kirzner, 1967).⁷

Essas diferenças teóricas ilustram como as teorias Neoclássica e Austríaca interpretam o processo de mercado. Por outro lado, Kirzner (1967) viu questões comuns a elas: abordagem teórica apriorística, foco no indivíduo e inferência de fenômenos resultantes da interação social. A teoria Neoclássica, entretanto, utiliza o *homo economicus* já dotado de fins e meios para a decisão, enfatizando a otimização do processo de alocação de recursos. Já a tradição Austríaca usa o *homo agens*, destacado por sua capacidade criativa para novos fins e meios.⁸

A principal diferença entre essas visões é a presença da incerteza. Enquanto a teoria Neoclássica vê o processo de competição sob o ponto de vista do equilíbrio, a Austríaca o vê como um processo incerto. Kirzner (1976) destacou duas questões centrais recorrentes na teoria Austríaca: (i) toda ação humana é intencional; e (ii) a imprevisibilidade do resultado econômico, devido às suas origens em aspectos humanos, como preferências, expectativas e conhecimento. Suas mudanças, aleatórias ao longo do tempo, implicam em alterações imprevisíveis na tomada de decisões.

Para Kirzner (1976), a mera observação do comportamento humano não é suficiente para conhecê-lo, pois não é possível identificar as motivações individuais, ou seja, o mecanismo causal que vincula causas às consequências.⁹ Por outro lado, a junção entre individualismo e subjetivismo metodológico superaria essa deficiência, pois não só ajudaria a compreender os resultados observáveis, relacionando as consequências às suas

⁷ Para Kirzner (1967), a teoria tradicional oferece não apenas uma visão positivista equivocada do processo de mercado, mas também uma normativa que se coloca como capaz de avaliar a eficiência do mercado. Enquanto a teoria tradicional vê o problema econômico como a alocação de recursos na sociedade, para Kirzner a questão fundamental seria a de encontrar o melhor uso para os recursos. Como o conhecimento é incompleto e descentralizado, não há como saber o grau de disponibilidade desses recursos. Além do problema de gestão da informação, os economistas se deparam com conhecimentos falíveis: cada indivíduo vê de maneira diferente os recursos e habilidades que tem à sua disposição (eg Hayek, 1948). A seção 4.2 retornará a esse tema.

⁸ Kirzner perpetua a descrição de Mises do agente econômico responsável pela tomada de decisões. Segundo Kirzner (1967, 180-181, ênfase no original): “[...] Mises’ *homo agens* is something more than economizing man. He is not merely engaged in computing the pattern of means allocation that will most faithfully reflect the hierarchy of given ends. *Homo agens* is actively seeking out the best course of action; he is venturing, innovating, exploring, searching. He is constantly *testing* the nature of the constraints which circumscribe him. He is not tackling a problem imposed by a *given* pattern of means and ends; he is seen *before* any given pattern of means and ends has crystallized as *the* relevant one.”

⁹ Usando uma história, Kirzner (1976) sugere que um marciano (como um observador externo) analisando pessoas em uma estação de metrô irá verificar uma regularidade e derivar uma lei observável dela. Ele não será, entretanto, capaz de aprender sobre os propósitos humanos que explicam essa relação apenas pela observação - será necessário explicar as motivações.

causas, mas também a incorporar a motivação do tomador de decisão.¹⁰ Portanto, a análise econômica deve superar as barreiras impostas pelos modelos formais e dados empíricos, na busca por compreender os resultados do mercado a partir das motivações individuais para a tomada de decisão.

3.2. *Teoria da atividade empresarial*

Partindo da análise econômica a partir de uma situação de desequilíbrio, Kirzner (1973) define todos os indivíduos como agentes auto interessados cuja participação no mercado visa obter o maior ganho possível. Os participantes podem ser classificados em três funções não excludentes: consumidores, proprietários de recursos e empresários. Como o mercado é um processo de negociações com transações mútuas, cada agente está tentando aumentar seus ganhos, dados seus limites.

O consumidor busca adquirir um bem pelo menor preço possível, para aumentar a diferença entre o valor que atribui a ele e quanto tem de pagar. Os proprietários de recursos procuram vender um bem pelo preço mais alto possível para aumentar a lacuna entre o valor que atribuem a ele e o quanto recebem. O empresário, ao contrário das outras duas categorias, não tem nada a oferecer ao mercado, o que torna sua realização independente da posse inicial de recursos. Em vez disso, o empresário irá arbitrar os preços: comprar algo de um proprietário e vendê-lo a um consumidor. Trata-se de uma transação que permite lucros puros ao empresário, pois ele não está agregando nada de valor ao negócio, apenas intermediando-o (Kirzner, 1973).

É a situação de desequilíbrio na economia que permite preços diferenciados para o mesmo bem vigente no mercado. Essa é a fonte de lucros puros potenciais. Eles surgem porque os consumidores e proprietários não estão identificando as possibilidades que têm disponíveis. É um problema de conhecimento imperfeito. Assim, a função do empresário é perceber lacunas de informação entre compradores e proprietários. Diferente de outras funções que dependem da posse de recursos antes da transação, a capacidade do empresário lhe permite identificar oportunidades de puro lucro, habilidade denominada de “estado de alerta” (Kirzner, 1973).

A tarefa de transferir um recurso entre proprietário e comprador é ilustrada por Kirzner (1973) para simplificar tudo que uma transação pode envolver: compra de insumos, produção, publicidade, venda etc., ou seja, todas as tarefas que podem ser necessárias para tornar um bem disponível para o comprador. Portanto, a atividade empresarial é complexa, envolve o reconhecimento de diferentes avaliações existentes no mercado para os mesmos recursos, e a identificação de oportunidades em que os custos totais sejam menores que a receita total possível. O empresário busca encontrar as vantagens dessas possibilidades.

No processo, o empresário obtém ganhos puros ao identificar e explorar oportunidades ao longo do tempo, dando um elemento dinâmico ao seu modelo por meio da especulação (Kirzner, 1973). Essa questão foi explorada com maior profundidade

¹⁰ “[...] The real world is more than the external world; the real world includes a whole range of matters beyond the scope of the measuring instruments of the econometrician. Economic science must be able to encompass this real.” (Kirzner, 1976, 7).

posteriormente na obra kirzneriana, quando Kirzner argumentou que a incerteza impõe à especulação um papel central no processo de mercado (Kirzner, 1982).¹¹

Com maior ênfase na sequência temporal, Kirzner (1982) abriu duas possibilidades para o empresário: (i) comprar recursos em um determinado momento para oferecer produtos no futuro, atendendo aos desejos já expressos pelos consumidores no presente; e (ii) antecipar as preferências dos indivíduos no futuro, permitindo que potenciais lucros especulativos sejam obtidos. Como as preferências estão sujeitas a mudanças, o empresário pode obter lucros puros se explorar seus palpites sobre as preferências futuras dos consumidores. Isso reforça o caráter subjetivo do conhecimento, uma vez que o cenário econômico atual é o mesmo para todos os participantes do mercado, mas está aberto a diferentes interpretações de acordo com os diferentes graus de alerta empresarial entre os indivíduos.

Com a teoria da ação empresarial, Kirzner desenvolve a visão Austríaca do processo de mercado e critica a incompletude da teoria Neoclássica, identificando elementos que esta não aborda: as oportunidades de lucro puro e o caráter subjetivo do conhecimento e sua relação com a informação. Para Kirzner, não se pode entender o mercado sem compreender o papel das informações. Na teoria Neoclássica, a informação é completa e objetiva. Na economia de Kirzner, a informação é incompleta e subjetiva. De sua incompletude surgem as chances de lucro, e da sua subjetividade emergem diferentes oportunidades de especulação.

4. Kirzner como um contador de histórias

A teoria da ação empresarial foi originalmente exposta por Kirzner em 1967 e discutida em profundidade em sua obra magna de 1973, “*Competition and Entrepreneurship*”. Em ambos os casos, a tese kirzneriana não utilizou nenhum modelo formal. Klein (1975), resenhando o livro logo após sua publicação, já antecipava que as ideias kirznerianas encontrariam barreiras devido ao seu método de exposição. Boettke e Sautet (2013) argumentaram que o livro teve pouco impacto no *mainstream* justamente pela resistência dos economistas a argumentos não formalizados.

É possível interpretar a teoria da atividade empresarial de Kirzner como uma resposta à observação de Arrow (1959, 43) sobre o modelo de competição perfeita, onde “[e]ach individual participant in the economy is supposed to take prices as given and determine his choices as to purchases and sales accordingly; there is no one left over whose job it is to make a decision on price.” Porque a tese kirzneriana trata da função empresarial, personificada na figura do empresário que arbitra preços, especula e introduz

¹¹ Para Jakee e Spong (2003), a ênfase na arbitragem de preços foi um artifício necessário considerando o debate econômico das décadas de 1960 e 1970 sobre a definição da racionalidade como princípio metodológico. Mas na década de 1980, como Vaughn (1994) e Barbieri (2008) argumentam, a atenção de Kirzner foi direcionada para a discussão interna da Escola Austríaca sobre a tendência ao equilíbrio na teoria do processo de mercado.

novidades para construir o futuro por ele imaginado - fonte da variação dos preços de mercado.¹²

Comprometido em traduzir essas ideias em uma linguagem aceitável para o *mainstream*, Kirzner usou sua teoria para explicar como a competição empresarial equilibra a economia, em contraste com a visão Neoclássica de uma economia já equilibrada, sem espaço relevante para o empresário. Mais do que isso, Vaugh (1994) e Foss e Klein (2010) argumentaram que Kirzner tentou aprimorar a visão Neoclássica da economia. Esta leitura é apoiada pela abordagem de Kirzner, na qual ele narra a sequência de eventos que as ações empresariais desencadearam, fazendo com que a situação de desequilíbrio se coordene em direção a um estado de equilíbrio. Porém, o equilíbrio é um acessório na teoria de Kirzner e, portanto, a substância de sua teoria está na dinâmica narrativa do processo de mercado.

Assim, a economia de Kirzner e sua exposição são importantes por dois motivos: (i) mostram que as oportunidades de lucro manifestam desequilíbrio econômico; e (ii) explicam como o mercado é coordenado por meio dos agentes que aprendem com a disseminação da informação. As próximas duas subseções exploram esses dois motivos, respectivamente, para mostrar como Kirzner usa elementos narrativos ao contar histórias que ilustram e promovem suas ideias.

4.1. Quem tem direito ao lucro puro? Narrativas e o debate sobre a empresa corporativa

A ênfase da economia de Kirzner na natureza do lucro e no papel do empresário está diretamente relacionada com a literatura sobre a teoria da firma. Os economistas têm discutido isso desde a tese de Alfred Marshall (1890) sobre o ciclo de vida das empresas, em que o mercado seleciona a melhor capacidade gerencial. A introdução de um novo personagem ao longo do século XX, a figura do gerente profissional, mudou a forma como economia estuda o problema, pela resultante separação entre propriedade e controle dos negócios. A administração científica substituiu a intuição empresarial como padrão de comportamento, colocando as responsabilidades de curto e longo prazo nas mãos de gerentes. A sobrevivência e o crescimento da empresa, então, tornaram-se elementos decisivos nas decisões de gestão (Kaysen, 1957).

À medida que as empresas se tornam grandes corporações de capital aberto, torna-se difícil analisar se suas ações são consistentes com o comportamento de maximização do lucro de longo prazo. Segundo Kaysen (1957), a dificuldade é acentuada tanto pela incerteza sobre o futuro quanto pela grande variedade de ações que os gestores podem realizar. Portanto, admitir qualquer escolha administrativa como “maximização de lucros de longo prazo” pode tornar o próprio termo destituído de significado - como se qualquer ação pudesse ser justificada como uma maximização de ganhos ao longo prazo.

A possibilidade de os gestores não tomarem as melhores decisões para suas empresas gerou o debate sobre quem se apropria dos ganhos nas corporações, uma vez

¹² “[...] By freeing microeconomic analysis from the constrictions of the equilibrium state, Austrian theory is able to recognize the speculative element in all individual decision making, and to incorporate the activity of the real world business man into a theoretical framework that provides understanding of the market process.” (Kirzner, 1997, 15)

que as administram em nome de seus proprietários. É possível esperar que os administradores busquem benefícios pessoais no controle da corporação, em detrimento de seus proprietários e acionistas (Peterson, 1965). Essa preocupação gerou um debate sobre a necessidade de regulamentação de valores mobiliários, mas economistas associados ao *mainstream* tentaram demonstrar que as forças econômicas acabam incentivando os administradores a apresentar um comportamento racional e maximizar os lucros das empresas. Entre eles, Oliver Williamson (1969) e Armen Alchian (1969) forneceram importantes textos sobre esse debate, com os quais Kirzner (1973) procurou dialogar posteriormente.

Para Williamson (1969), em geral, as corporações adotam o comportamento racional de maximização dos lucros porque estão sujeitas a dois fatores externos. O primeiro é a seleção natural por competição de mercado, onde apenas sobrevivem as empresas que tomam decisões competitivas, ou seja, racionais. No entanto, é possível que a empresa tenha vantagens internas ou esteja enfrentando baixa concorrência. Nesse caso, a falta de competição permite que a empresa mude sua estratégia. Isso coloca em questão o segundo fator que influencia as decisões, o mercado de capitais, já que este condiciona as decisões administrativas de duas maneiras: (i) oferece incentivos financeiros para que os gestores atendam aos objetivos do proprietário; e (ii) realiza mudanças na alta administração da companhia até que os interesses dos proprietários sejam atendidos. Portanto, os administradores de grandes corporações acabariam adotando comportamentos que maximizam os lucros da empresa.¹³

Alchian (1969) reconhece que a separação entre propriedade e controle na grande corporação favorece os gestores, sugerindo que os ganhos destes últimos serão tão maiores quanto menor for o controle dos proprietários. Porém, diferente das previsões da teoria agente-principal, esse resultado decorre da capacidade administrativa dos proprietários das empresas. Como o mercado está disposto a pagar mais aos melhores gestores, seus salários estão positivamente relacionados aos ganhos da empresa sob sua gestão. Portanto, os administradores de grandes corporações se comportarão conforme prevê a teoria da firma, maximizando o lucro da empresa.¹⁴

Williamson e Alchian foram considerados especialistas no tema.¹⁵ Assim, Kirzner usou seus trabalhos para estabelecer um diálogo. Para Kirzner (1973), a dificuldade em categorizar quem se beneficia dos lucros empresariais na economia deriva da ênfase nos aspectos legais de uma empresa corporativa. Para ele, isso pode ser superado se a situação for observada em termos econômicos, separando os capitalistas (proprietários) dos empresários (aqueles que ficam com os lucros). Logo, é possível que, na empresa corporativa, não sejam os capitalistas que ficam com os lucros, quando os gestores atuam como empresários, e isso é ilustrado pela história dos caçadores.

A história considera a existência de “mercado de carnes” formado por consumidores e caçadores. O número de caçadores depende de quão atraente é o mercado. Eles têm que alugar armas de caça e cobrir suas despesas de subsistência. Após deduzir os custos, a receita restante é o lucro. Um aumento repentino nos preços da carne incentiva mais pessoas a se tornarem caçadores, aumentando o número de fornecedores. Em um

¹³ Williamson (1969) usa um modelo de estabilidade sistêmica para mostrar como as iniciativas dos acionistas criam um processo de aprendizagem que disciplina a gestão e promove esses resultados.

¹⁴ Alchian (1969) admite que os salários dos gestores refletem sua reputação, indicando expectativas quanto aos resultados que podem alcançar na administração das empresas.

¹⁵ Ambos ganharam o Prêmio Nobel Memorial mais tarde.

modelo econômico usual, o número de caçadores flutua de acordo com o preço, mas Kirzner (2013) mostra quatro cenários que ilustram como diferentes resultados podem ocorrer devido às distintas respostas a potenciais entrantes e às informações disponíveis.

No primeiro cenário, a pessoa A percebe que o aumento no preço da carne agora permite lucros puros, porque supera os custos envolvidos (seu custo de oportunidade). A torna-se empresário se essa percepção o levar a se tornar um caçador e se estiver obtendo lucros puros com essa atividade. No entanto, como A não controla os locais de caça nem o serviço de aluguel de armas, o mercado está aberto a novos concorrentes, que são atraídos pela informação de que A está obtendo lucros puros. Com a entrada de novos agentes no mercado, as receitas diminuem devido à consequente redução dos preços e aumento dos custos devido à maior competição por recursos de caça, o que leva à extinção do lucro puro neste mercado.

Um segundo cenário é quase idêntico ao primeiro, mas com a adição de que A tem um estado de alerta mais aguçado do que os concorrentes. Ele percebe um melhor campo de caça, o que lhe permite obter uma maior quantidade de carne ao mesmo custo. A ainda não controla todos os recursos necessários e seus ganhos atraem concorrentes. No entanto, embora os lucros de A sejam diminuídos, eles não são eliminados, porque agora parte de seus resultados vêm de seu estado de alerta para o melhor território de caça. Portanto, A continuará tendo lucros empresariais. Essa diferença em relação ao mercado não depende da posse prévia de nada, apenas do estar alerta para a melhor oportunidade.

No terceiro cenário, A não está mais alerta do que seus concorrentes. Ele só decide agir por causa do aumento dos preços das carnes. Em vez de ele mesmo caçar, contrata o caçador B, obtendo os lucros normais esperados desta atividade. B tem as mesmas informações sobre as áreas de caça que os outros caçadores. Isso o faria receber o mesmo salário dos outros caçadores. No entanto, ele está mais alerta para identificar melhores áreas de caça - enquanto eles estão caçando, B pode identificar melhor os rastros e perseguir uma presa maior, por exemplo. Uma vez que A depende do estado de alerta de B, ele só perceberá a existência de lucros extras quando deduzir os custos das receitas. A competição eliminará esse excedente, mas o salário de B aumentará porque ele pode caçar mais.

No entanto, o resultado do terceiro cenário depende de como A pode controlar as ações de B. Se A ditar como B deve realizar sua atividade, o estado de alerta de B não será explorado, e nenhum lucro empresarial seria obtido por A. Se B for deixado livre para caçar sem a orientação de A, ele descobrirá o melhor local de caça apenas por acaso, mas ele ainda será capaz de produzir lucros puros para A. Finalmente, se A der alguma orientação para B caçar tanto quanto possível, B receberá o salário regular do mercado e gerará lucros puros para A.

Um quarto cenário, derivado do terceiro, considera aguçado o estado de alerta de A, permitindo-lhe perceber a maior capacidade de caça de B. O resultado irá variar de acordo com o estado de alerta de B. Se B aceitar trabalhar para A com o salário normal do caçador, porque ele não está ciente de sua própria capacidade superior, os lucros empresariais pertencerão a A, tornando este o empresário. Essa situação persistirá até que a competição aumente o salário de B, eliminando o excedente. Se B está ciente de sua habilidade e vê a oportunidade de lucros puros, mas não abre seu próprio negócio de caça, então ele trabalhará para A e fará de A o empresário, porque o lucro puro pertencerá a A.

No entanto, se o alerta de B está aguçado e percebe oportunidades de ganhos nos termos do contrato com A, em detrimento dos lucros puros que este esperava obter, B será o empresário, porque obtém vantagens que se tornam inacessíveis a A, e que não podem ser contidas, uma vez que respeitam o contrato. B estava mais alerta do que A, pois B é o empresário nesta situação, embora não tenha tido iniciativa para abrir o seu próprio negócio.

Com base na história dos caçadores, Kirzner (1973) acrescenta uma contribuição à discussão sobre o problema do agente-principal de que empresas controladas por terceiros não se comportam de forma a maximizar lucros.¹⁶ Na interpretação kirzneriana, como sempre haverá tentativas de maximizar ganhos, basta identificar corretamente o empresário atuante, seja ele o proprietário ou o administrador.¹⁷

A história dos caçadores criada por Kirzner (1973) para categorizar os agentes da empresa corporativa contém todos os cinco elementos narrativos identificados na seção 2, mostrados na Tabela 2.

Tabela 2. Elementos narrativos na história dos caçadores de Kirzner (1973).

Ilustrada por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido - está no campo do viável, não do impossível	Kirzner cria cenários fictícios, mas todos viáveis, possíveis de ocorrer no mundo real
Analisada de forma exploratória	Kirzner mostra que só é possível rastrear as causas do lucro do empresário até o estado de alerta que o promoveu
Colocada em ordenação lógica	Kirzner mostra que é a existência de um diferencial de preços que motiva a entrada de A no mercado, e que cada uma de suas possíveis ações pode gerar uma série de consequências diferentes
Dotada de mecanismos causais	Kirzner estabelece uma ordem de eventos: o preço da carne aumenta, os fornecedores potenciais reagem entrando no mercado ... e o resultado, o lucro, depende de uma série de condições
Adequada para sistemas complexos, permitindo generalização, mas com limitado poder de previsão	Vários elementos podem afetar os personagens A e B em suas decisões, mas Kirzner enfatiza que o alerta é necessário para obter o lucro potencial, mas não é possível garantir que ele será identificado ou explorado

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

¹⁶ Essa história também mostra que, para Kirzner (1973), a atividade empresarial independe da posse prévia de recursos. A caracterização de um empresário depende de que ele realize o par percepção-ação, porque o empresário é identificado pela apropriação dos lucros. Como lucros puros são categorias analíticas criadas para fins teóricos, é difícil identificá-los no mundo real. Kirzner pode apontar que os proprietários não obtêm lucros apenas por possuir seus negócios, o que os caracteriza como capitalistas, mas também é possível que colham lucros com os resultados de suas ações voltadas para lucros maiores, o que os coloca também como empresários.

¹⁷ A possibilidade de os gestores maximizarem seus ganhos às custas das expectativas dos donos da empresa não diminui a importância da atividade empresarial no mercado (Kirzner, 1973). Nessa leitura, se os administradores tomam decisões em benefício próprio, mas que resultam em vantagens para os consumidores, isso garante uma competição empresarial que beneficia a sobrevivência da empresa.

4.2. *A diferença entre informação e conhecimento mostrada por meio da narrativa*

Na literatura econômica, Hayek (1948) propôs uma distinção entre informação e conhecimento e seu papel na explicação de como a sociedade atinge o conhecimento necessário para o equilíbrio econômico. Na opinião de Hayek, esse problema foi colocado de lado pelos economistas quando eles adotaram a hipótese da informação perfeita. Segundo Hayek, se cada indivíduo detém apenas uma parte do conhecimento na sociedade e não é possível reuni-lo todo em um só lugar, o objeto da investigação econômica deveria ser como os indivíduos expandem seus conhecimentos. Isso explicaria como suas ações vão se complementando cada vez mais e criando uma economia mais coordenada. Isso é conhecido como o “problema do conhecimento” de Hayek.¹⁸

Enquanto isso, o campo da economia da informação também emergiu na economia convencional, com o artigo de George Stigler “The economics of information” (1961) sendo um de seus precursores. Como a informação era um tema de interesse para Kirzner e ele incluiu Stigler (1961) entre suas referências em (eg Kirzner, 1973), também é possível dizer que Kirzner estava respondendo ao seu trabalho. Ambos tratavam de diferenciais de preços para produtos homogêneos no mercado. Para explicar por que produtos homogêneos tinham preços diferentes, Stigler (1961) atribuiu essa diferença a um problema de informação: os indivíduos não sabem onde comprar por um preço mais baixo ou vender por um preço mais alto. Eles podem encontrar melhores oportunidades se estiverem dispostos a procurá-las, mas isso impõe um custo de busca. Assim, a tarefa de busca de preços é limitada quando seu retorno marginal esperado é igual ao custo de realização da busca.¹⁹

O campo da economia da informação promoveu avanços para a teoria neoclássica, ao discutir o conhecimento imperfeito do mercado baseado nas assimetrias de informação.²⁰ Porém, para Kirzner (1997), isso não era suficiente para lidar adequadamente com o conhecimento, pois não incorporava a incerteza da economia, que está na base das críticas Austríacas aos modelos Neoclássicos de competição.

A assimetria de informação não contempla o desconhecimento derivado da incerteza, pois considera o conhecimento como um produto negociável, no qual o indivíduo pode escolher a quantidade ótima de conhecimento a ser adquirida. Mas isso resulta em um problema lógico, implicando que os indivíduos comprem algo sem saber seu conteúdo. Segundo Stigler (1961), um agente termina sua busca no ponto exato em que o retorno marginal esperado é igual ao custo de continuar sua busca. No entanto, se o que ele está procurando é inerentemente desconhecido para ele, não há como determinar se ele está terminando sua busca no ponto ideal - não há como ele saber se ele poderia ter um resultado melhor se tivesse continuado sua pesquisa.

¹⁸ Para Barbieri (2008), Horwitz (2010) e Boettke e Sautet (2013), a teoria da atividade empresarial de Kirzner resolveu o problema do conhecimento hayekiano ao explicar os determinantes da ação especulativa, porque elas também aumentam e disseminam informações no mercado.

¹⁹ Stigler (1961) tratou a informação como um produto de mercado, com demanda e oferta. A demanda é feita por quem tem custos para encontrar preços mais baixos, enquanto a oferta depende de quem está oferecendo a informação. Isso é ilustrado pela propaganda, uma forma de os fornecedores levarem o conhecimento de seus produtos aos compradores, ajudando a reduzir o diferencial de preços no mercado.

²⁰ Akerlof (1970) mostrou os efeitos da assimetria de informação em situações como: seguro saúde, mercado de trabalho para minorias, desonestidade e mercado de crédito em países em desenvolvimento.

Kirzner viu limitações na economia da informação. Para ilustrá-las e mostrar a diferença entre informação e conhecimento, ele narrou três histórias em Kirzner (2005) para destacar o caráter subjetivo do conhecimento, bem como a impossibilidade de tratar a informação como um produto.

Na primeira história, um professor pega um trem para dar uma palestra em outra universidade. Após o evento, no meio de uma conversa com seus pares, ele percebe que precisa ir para a estação de trem para pegar o próximo trem, ou então terá que esperar mais. Embora tenha no bolso as instruções para ir da universidade para a estação, tem certeza de que não precisa delas porque acredita que sabe o caminho. No entanto, no caminho, ele percebe que sua intuição estava errada e se perde.

Na segunda história, uma mãe não consegue distrair o filho em casa porque ele não se contenta com nenhum brinquedo. Um vendedor bate em sua porta vendendo brinquedos pelo preço de \$ 5. A criança gosta de um deles e a mãe compra. Porém, ao examinar mais de perto, a mãe percebe que tinha à sua disposição todos os materiais e conhecimentos necessários para fazer aquele brinquedo, que custaria \$ 1 no total.

Na terceira história, uma pessoa perde o talão de cheques em um casamento, mas não se preocupa em procurá-lo porque sabe que quem o encontrar verá seu nome e o devolverá. Quando o nome da pessoa é chamado pelo sistema de som, ela se assusta. Ela imediatamente imagina uma terrível emergência familiar. O medo, porém, dura apenas alguns segundos, quando ela percebe que deve ser sobre seu talão de cheques.

Essas três histórias são usadas por Kirzner como exemplos para ilustrar os diferentes efeitos da informação sobre o conhecimento de alguém. No caso do professor, ele sabe que está disponível o conhecimento para tomar uma decisão melhor, mas, em sua análise de custo-benefício, entende que pode agir sem se preocupar com os custos de colocar a mão no bolso. Ele sabe que a informação existe e que pode ser acessada. Essa possibilidade não existe na segunda história, porque a mãe em questão não sabe que ela pode transformar insumos disponíveis em sua casa, de custo igual a \$ 1, na solução de seu problema imediato, aquele a que atribui valor pelo menos igual a \$ 5. Portanto, embora a mãe tenha as informações disponíveis, ela não consegue extrair delas um conhecimento, visto apenas a partir do sinal oferecido pelo brinquedo acabado. A terceira história mostra como as outras duas histórias podem coexistir, tendo o indivíduo a informação, a noção de que perdeu algo e que será contatado por isso, mas que pode estar ou não ciente disso em diferentes ocasiões.

Essas histórias são utilizadas por Kirzner (2005) para destacar que a informação não pode ser tratada como uma mercadoria, como faz a economia da informação, pois é um insumo na geração do conhecimento. No entanto, a economia *mainstream* considera que essa transformação ocorre automaticamente, enquanto na economia de Kirzner ela depende de um processo de aprendizagem.²¹

Kirzner (2005) supera a divisão semântica entre informação e conhecimento para sugerir que os indivíduos se deparam com dois tipos de conhecimento: informação-conhecimento e ação-conhecimento. O primeiro pode ser acessado deliberadamente a

²¹ “Turning information into knowledge calls for the *learning* of that information, and for such learning “alertness” while perhaps necessary, is certainly not sufficient. But in turning information-knowledge into action-knowledge, alertness is necessary and sufficient. Alertness is the crucial bridge between the two kinds of knowledge.” (Kirzner, 2005, 226)

partir das informações disponíveis, como no caso do professor da primeira história. O segundo, por outro lado, só pode ocorrer espontaneamente, uma vez que não há consciência prévia de sua existência, como no caso da mãe na segunda história. A diferença entre esses dois tipos de conhecimento reforça o caráter subjetivo da informação, de como ela pode ser interpretada de forma diferenciada a depender do estado de alerta dos indivíduos. A Tabela 3 resume como Kirzner explora os diferentes tipos de conhecimento por meio de suas histórias usando a estrutura presente na Tabela 1.

Tabela 3. Elementos narrativos nas histórias de Kirzner (2005).

Ilustrada por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido - está no campo do viável, não do impossível	Kirzner cria vários casos fictícios, mas plausíveis, que podem ocorrer no mundo real
Analisada de forma exploratória	Kirzner mostra que só é possível entender as diferentes decisões e seus resultados conhecendo o conhecimento do agente no momento de suas escolhas
Colocada em ordenação lógica	Kirzner afirma que os resultados alcançados pelos indivíduos dependem de uma série de suas próprias decisões, que eles tomam com base nos conhecimentos disponíveis
Dotada de mecanismos causais	Kirzner considera que os indivíduos agem para obter maiores ganhos, mas que cada ação é condicionada pelo conhecimento que seu estado de alerta permite, direcionando as escolhas individuais
Adequada para sistemas complexos, permitindo generalização, mas com limitado poder de previsão	Vários elementos podem afetar os agentes das histórias de Kirzner, mas o conhecimento é o principal determinante das escolhas; as previsões são limitadas, no entanto, porque os agentes só podem entender suas ações em retrospectiva

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

5. Considerações finais: elementos narrativos e a projeção das ideias de Kirzner

Kirzner ofereceu uma interpretação de como funciona a competição com base na economia Austríaca. Sua teoria enfatizou o estado de alerta dos agentes, um atributo de desempenho individualizado que permite a eles aprender e identificar oportunidades de lucro puro. Para tanto, a tese kirzneriana se apoia em dois pilares metodológicos: individualismo e subjetivismo. A distância entre essa sua abordagem e o *mainstream* torna difícil o diálogo entre eles. O método de Kirzner dá ênfase ao contexto particular, seguindo os aspectos teóricos, abstratos e independentes do contexto, como defendido na teoria Austríaca. Devido a essa distância, Kirzner usou narrativas para mostrar como as ideias Austríacas poderiam contribuir para o debate econômico.

As narrativas apelam à imaginação. Baseiam-se na capacidade da razão humana transformar descrições em projeções e deduzir suas consequências. No processo, tanto a introspecção (que ajuda a entender a motivação dos indivíduos envolvidos) quanto a dedução (que indica o que se pode esperar como consequência) são recuperadas. São

elementos que permitem compreender um evento sob a perspectiva de outras pessoas e antecipar resultados prováveis.

Kirzner expôs o estado de alerta, principal componente da ação empresarial, por meio de narrativas. O estado de alerta é pressuposto para todos os indivíduos, não pode ser modelado matematicamente e é capaz de explicar, em retrospecto, diferentes graus de sucesso empresarial com base nos lucros que os agentes obtiveram na economia.

Para analisar a obra de Kirzner na perspectiva das narrativas, foram identificados cinco elementos narrativos: (i) ilustração de acontecimentos possíveis; (ii) uso de análise exploratória; (iii) ordenação lógica; (iv) uso de mecanismos causais; e (v) possibilidade de generalização, mas com limitações para previsões. Portanto, é possível classificar Kirzner como contador de histórias ao longo de sua carreira.

Pelo mérito de explicar os mecanismos causais a qualquer público, as narrativas mostram-se como poderosas ferramentas de diálogo na economia de Kirzner, principalmente porque superam os critérios de validação científica aceitos no *mainstream*. Isso torna as narrativas especialmente úteis para abordagens heterodoxas. Portanto, é possível afirmar que parte do reconhecimento conquistado por Kirzner se deve ao uso de elementos narrativos que o ajudaram a ilustrar suas ideias.

Referências

- Akerlof, G. (1970). The Market for "Lemons": Quality Uncertainty and the Market Mechanism. *The Quarterly Journal of Economics*, 84(3), 488-500.
- Alchian, A. A. (1969). Corporate Management and Property Rights. In Manne, H. G. (ed.). *Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*. (337-) Washington: American Enterprise Institute.
- Arrow, K. J. (1959). Toward a Theory of Price Adjustment. In Abramowitz, M. et al. (ed.). *The Allocation of Economic Resources* (41-51). Stanford: Stanford University Press.
- Barbieri, F. (2008). O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria do Processo de Mercado. *Revista Econômica*, 10(2), 215-235.
- Beatty, J. (2017). Narrative possibility and narrative explanation. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 31-41.
- Boettke, P. J. (1995). Book Review of Israel M. Kirzner (ed.): *Classics in Austrian Economics*, 3 volumes, *The Freeman*, 45(2), 134-135.
- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2009). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View* (Vol. 1, xi-xix). Indianapolis: Liberty Fund.
- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2013). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship* (Vol. 4, ix-xiii). Indianapolis: Liberty Fund.

- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2015). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship* (Vol. 5, ix-xii). Indianapolis: Liberty Fund.
- Crasnow, S. Process tracing in political science: What's the story? *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 6-13.
- Currie, A. and Sterelny, K. (2017). In defence of story-telling. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 14-21.
- Douhan, R., Eliasson, G. e Henrekson, M. (2007). Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. *Small Business Economics*, 29(1-2), 213-223.
- Foss, N. J. e Klein, P. G. (2010). Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. *Journal of Private Enterprise*, 25(2), 145-164.
- Global Award for Entrepreneurship Research. Israel M. Kirzner's Career and Bibliography. Disponível em: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf>. Acesso: 03 Jul. 2021.
- Hayek, F. A. (1948). *Individualism and Economic Order*. Chicago: Chicago University Press.
- History of Economics Society. 2018 Distinguished Fellow Award. Disponível em: https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf. Acesso: 03 Jul. 21.
- Horwitz, S. (2010). Kirznerian Entrepreneurship as a Misesian Solution to a Hayekian Problem. *Journal of Private Enterprise*, 25(2), 97-103.
- Jakee, K. e Spong, H. (2003). Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. *Journal of the History of Economic Thought*, 25(4), 461-486.
- Kaysen, C. (1957). The Social Significance of the Modern Corporation. *The American Economic Review*, 46(2), 311-319.
- Kirzner, I. M. (1963). Market Theory and the Price System. [2011]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System* (Vol. 3, 1-352). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1967). Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process. [2015]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory* (Vol. 5, 175-189). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1973). Competition and Entrepreneurship. [2013]. In Boettke, P. J; e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship* (Vol. 4., 1-200). Indianapolis: Liberty Fund.

- Kirzner, I. M. (1976). On the method of Austrian Economics. [2015]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship* (Vol. 5, 1-10). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1982). Uncertainty, Discovery, and Human Action: A Study of the Entrepreneurial Profile in the Misesian System. In Kirzner, I. M. (ed.). *Method, Process, and Austrian Economics* (139-159). Lexington: D. C. Heath and Company.
- Kirzner, I. M. (1997). Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an Austrian approach. [2000]. In Kirzner, I. M. *The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics* (3-40). London: Routledge.
- Kirzner, I. M. (2005). Information-Knowledge and Action-Knowledge. [2018]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem* (Vol. 7, 222-227). Carmel: Liberty Fund.
- Klein, B. (1975). [Resenha: *Competition and Entrepreneurship*, por Israel M. Kirzner (1973)]. *Journal of Political Economy*, 83(6), 1305-1309.
- Korsgaard, S., Berglund, H., Thrane, C. e Blenker, P. (2016). A tale of two Kirznerns: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(4), 867-889.
- Makowski, L. e Ostroy, J. M. (2001). Perfect Competition and the Creativity of the Market. *Journal of Economic Literature*, 39, 479-535.
- Marshall, A. (1890). *Principles of Economics*. [2013]. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Morgan, M. S. (2017). Narrative ordering and explanation. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 86-97.
- Morgan, M. S. e Wise, M. Norton. (2017). Narrative science and narrative knowing. Introduction to special issue on narrative science. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 1-5.
- Peterson, S. (1965). Corporate Control and Capitalism. *The Quarterly Journal of Economics*, 79(1), 1-24.
- Rizzo, M. J. (2002). Introduction. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, 12(1), 3-10.
- Rizzo, M. J. (2014). In Honor of Israel M. Kirzner. *Review of Austrian Economics*, 1-3.
- Stigler, G. J. (1961). The Economics of Information. *Journal of Political Economy*, 69, 213-225.
- Swaim, D. G. (2019). The Roles of Possibility and Mechanism in Narrative Explanation. *Philosophy of Science*, 86(5), 858-868.
- The Washington Post. (2014). Israel Kirzner for the Nobel Prize in Economics? Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/volokh->

conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm_term=.25231dbabefe. Acesso: 03 Jul. 2021.

Vaughn, K. I. (1994). *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Williamson, O. E. (1969). Corporate Control and the Theory of the Firm. In Manne, H. G. (ed.). *Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*. (281-) Washington: American Enterprise Institute.